

A viagem dos romenos eslovacos ao Brasil em 1924 e 1925

Radek Ocelák

radioc@seznam.cz

Tradução: Victor Battermann

28 de abril de 2026

Licença: *Creative Commons* [BY-ND](#). É permitido copiar e redistribuir este documento em qualquer meio ou formato, incluindo a versão impressa. É obrigatório atribuir os devidos créditos ao autor. É proibida a alteração do conteúdo do documento. Esses compromissos se aplicam tanto a usuários humanos quanto a sistemas de processamento automatizados.

Há cem anos, algumas centenas de famílias eslovacas chegaram ao Brasil vindas do país que hoje conhecemos como Romênia. Elas participaram da colonização das regiões Sul e Sudeste do Brasil, ajudaram no desenvolvimento da agricultura e formaram várias colônias étnicas (destacando-se a colônia de Bratislava, perto de Londrina, no Paraná), que existiram por algumas décadas. Devido ao grande número de filhos nas primeiras gerações, seus descendentes atuais provavelmente chegam a dezenas de milhares. Este artigo é um panorama da história deles vista do Velho Mundo, por um parente distante cujos ancestrais permaneceram na Europa, e à luz dos documentos de que disponho. Ele também apresenta a essência do conteúdo do meu livro anterior sobre os romenos eslovacos, “Reemigranti”, publicado apenas em tcheco, a respeito da emigração para o Brasil. Um conjunto de fotografias históricas pertinentes ao tema acompanha este artigo.

1. Eles chegaram ao Brasil por volta de 1925, mas quem eram eles e de onde vieram?

A área de origem deles pode ser chamada atualmente de [Munții Plopiș](#) ou Muntele Plopișului ([Plopiș](#)) em romeno, ou Cadeia de Montanhas Plopiș, e é parte dos distritos de Bihor e Sălaj na atual Romênia.

Historicamente, a área total foi parte do principado da Transilvânia. Hoje em dia, esse nome é mundialmente famoso por conta do romance “Drácula”, de Bram Stoker. Embora seja verdade que o vampirismo fosse um conceito existente em toda a Península Balcânica, o romance baseia-se apenas vagamente na realidade no que diz respeito a pessoas ou lugares históricos. Ele também apresenta uma atitude um tanto quanto colonialista em relação aos romenos e aos eslovacos (que também aparecem no livro, ainda que por mero acaso). No entanto, a Transilvânia em si é uma região histórica real.

Na época da colonização eslovaca, a Transilvânia já não era independente. Fazia parte — do posto avançado do sudoeste — do Império Austro-Húngaro, governado pelos Habsburgos. Os eslovacos colonizaram a região da Cadeia de Montanhas Plopiș, principalmente entre 1830 e 1840 e, até 1918, toda a região esteve efetivamente sob o domínio húngaro.

Em 1918, o Império Austro-Húngaro foi derrotado na Primeira Guerra Mundial e, como resultado, foi completamente dissolvido. A maior parte da área pertencente à Hungria, foi distribuída à Iugoslávia, Tchecoslováquia e Romênia e, a grosso modo, é assim que as fronteiras permaneceram

até hoje. A Cadeia de Montanhas Plopiș está localizada dentro da Romênia desde aquela época, exceto nos anos da Segunda Guerra Mundial, durante os quais, a região ficou incorporada à Hungria mais uma vez. Após a guerra, aproximadamente metade da população eslovaca na Cadeia de Montanhas Plopiș - por volta de 20.000 pessoas - emigraram para a Tchecoslováquia, a maioria acabou na região fronteira da atual República Tcheca. É por isso que muitos dos parentes europeus, com os quais as famílias no Brasil mantiveram contato até por volta dos anos 1960, realmente viviam mais na Tchecoslováquia do que na Romênia. Alguns permaneceram na Romênia e lá vivem até hoje, ainda preservando seu idioma, apesar do forte declínio demográfico das últimas décadas.

Para a maior parte dos habitantes que restaram do século XX, após a Segunda Guerra Mundial, tanto a Romênia quanto a Hungria foram governadas por partidos comunistas e se constituíram em satélites políticos da União Soviética. Apesar disso, a perda da região multiétnica da Transilvânia pelo Tratado de Trianon, de 1920, ainda é sentida como um trauma nacional por muitos húngaros. A Romênia, por outro lado, adotou amplamente o livro de Bram Stoker como fonte de turismo e renda na Transilvânia. Porém, a relação da mitologia do Drácula com a história das nossas famílias permanece muito tênue. Para oferecer um retrato mais adequado da Transilvânia do início do século XX, gostaria de chamar sua atenção para uma obra literária diferente, a “Trilogia da Transilvânia” de Miklós Bánffy.

As regiões de procedência dos eslovacos para a Cadeia de Montanhas Plopiș, em meados do século XIX se tornaram parte da Tchecoslováquia em 1918, e recentemente da Eslováquia, que se tornou independente em 1993. A migração original do século XIX foi intranacional, dentro do Império Austro-Húngaro. Quase todas as famílias eslovacas na Cadeia de Montanha Plopiș vieram da área de Šoltýska, Lom nad Rimavicou e Detsianská Huta, na região central da atual Eslováquia. Mas, naquela época, mesmo essa região havia sido colonizada há pouco tempo, e a maioria das famílias era, na verdade, originária do noroeste do que hoje é a Eslováquia, mais precisamente das regiões de Orava e Kysuce. Essa região, no final do século XVIII, é a origem mais antiga da maioria dos nossos antepassados que conseguimos rastrear.

Na continuação dessa história, concluímos que seus ancestrais viveram com cidadãos romenos por poucos anos antes da partida para o Brasil, e é bem possível que a identidade de húngaro esteja fortemente presente quando as lembranças do passado na Europa vêm à tona. É por isso que as pessoas tendem a dar respostas inconsistentes ao serem perguntadas sobre a origem de suas famílias. De qualquer modo, etnicamente, elas eram eslovacas, o que significa que possuíam cultura e idioma substancialmente diferentes tanto dos húngaros quanto dos romenos. Nas áreas de vale em volta da Cadeia de Montanhas Plopiș, os eslovacos se relacionavam mais com os húngaros do que nas montanhas, onde a população era predominantemente de eslovacos. Ao mesmo tempo, a ideologia étnica e política eslovaca se disseminavam lentamente, enquanto a “húngarização” foi imposta de cima por muitos anos. Portanto, é possível que alguns de seus antepassados não se identificassem abertamente como eslovacos, ou que só o fizessem mais tarde, sob a influência de intelectuais eslovacos no Brasil.

Outra complicação que essa história traz é sobre os idiomas: nomes e locais podem ser mencionados em diferentes idiomas e diferentes sistemas ortográficos: Eslovaco, Romeno, Húngaro, bem como Português, após a chegada e o registro das famílias no Brasil. Eslovaco era o

idioma que eles falavam, mas raramente era escrito, pois não era um idioma oficial, ademais, o nível de escolaridade deles era muito baixo. O húngaro era o único idioma oficial nos documentos, antes de 1918. O romeno era a língua oficial após isso, sendo que os documentos de emigração estão em romeno. Tem-se a impressão que, no Brasil, os sobrenomes foram em grande parte transcritos para que preservassem a pronúncia eslovaca, mas com a grafia em português, o que significa que os nomes às vezes eram radicalmente distorcidos na forma escrita. Algumas vezes, eles eram lidos dos documentos romenos de forma incorreta. Foi assim que, por exemplo, o nome eslovaco Kortiš se transformou em "Cortysis", Koněvalík em "Conhevalic", Kutlák em "Cutlac", Ocelák em "Otelac" ou "Ochelak", e assim por diante. Nos nomes próprios, temos equivalências interlinguísticas, tais como: em eslovaco Juraj ou Ďuro é o mesmo que Gheorge em romeno, György em húngaro e Jorge em português. (Na busca por parentes distantes, você pode se deparar com o tcheco escrito e nomes tchecos, onde o nome do exemplo se torna Jiří, ainda que eslovaco e tcheco sejam idiomas similares e mutuamente inteligíveis.) Quanto aos locais, os pontos de interesse na Cadeia de Montanhas Plopiș costumam ter nomes completamente diferentes em eslovaco, húngaro e romeno, como é o caso do local chamado “Nova Huta” em eslovaco, “Șinteu” em romeno e “Sólyomkő” ou “Bethlentelep” em húngaro. As tabelas a seguir apresentam as correspondências mais importantes:

Romeno	Eslovaco	Húngaro
Șinteu	Nova Huta	Sólyomkő, Bethlentelep
Huta Voivozi	Stara Huta	Almaszeghuta
Valea Târnei	Židareň	Hármaspatak
Socet	Zachotar	Forduló, Szocset
Valea Ungurului, Făgetu	Maďarpotok, Gemelčička	Magyarpatak
Budoii	Bodonoš	Bodonospatak
Borumlaca	Boromlak	Báromlak
Sacalasău Nou	Nový Šastelek	Új Sástelek
Peștiș	Peštiš	Pestes, Sólyomkőpestes
Aleșd	Iležd'	Élesd
Borodul Mare	Borod	Nagybárod
Suplacu de Barcău	Siplak	Berettyószéplak
Șerani	Šarany	Sárán
Magurici	Magurič	Magurics
Vărzari	Varzał'	Verzár, Füves
Valea Cerului	Čerpotok	Cserpatak
Padurea Neagră	Bystrá	Fekete Erdő

Tab. 1: Equivalências linguísticas entre os nomes das localidades.

Eslovaco (formal)	Eslovaco (informal)	Romeno	Húngaro	Português	Tcheco
Juraj	Ďuro, Juro	Gheorghe	György	Jorge	Jiří
Ján	Jano, Janko	Ion	János	João	Jan
Pavol	Paľo	Paul, Pavel	Pál	Paulo	Pavel
Peter	Petro, Petrik	Petru	Péter	Pedro	Petr
Anton	Tono	Antoni	Anton	Antônio	Antonín
František	Franco, Francik	Francisc	Ferenc	Francisco	František
Ondrej, Andrej	Ondro, Ondráš	Andrea	András	André	Ondřej
Alexander	Šandor	Alexandru	Sándor	Alexandre	Alexandr
Štefan	Števo, Pišta	Stefaniu	István	Estéfano	Štěpán
Jozef	Jožo, Jožko	Iosif	József	José	Josef
Karol		Carol	Károly	Carlos	Karel
Anna	Hana, Hanka	Anna	Anna	Ana	Anna
Mária	Mara, Marka	Maria	Mária	Maria	Marie
Veronika	Verona, Veronka	Veronica	Veronika	Verônica	Veronika
Terezia	Terka	Terezia	Terézia, Rézi	Teresa	Terezie
Antonia	Tonka	Antonia	Antónia	Antônia	Antonie
Rozália	Roza, Rozka	Rosalia	Róza	Rosália, Rosalia	Růžena
Šarlota	Lotka	Sarlota	Sarolta	Carlota	Šarlota
Etela, Etelka		Etelca	Etelka		Etela
Františka	Francka	Francisca	Fránciszka	Francisca	Františka
Alžběta	Eržika	Elisabeta	Erzsébet	Elisabete	Alžběta

Tab. 2: Equivalências linguísticas de nomes próprios Eslovacos

Agora, um pouco de economia e condições de vida de nossos antepassados. O assentamento eslovaco na Cadeia de Montanhas Plopiš foi uma colonização tardia de uma área florestal acidentada que não era muito fértil. Na verdade, a principal motivação dos proprietários para a colonização dessa área não era a agricultura, mas sim o aproveitamento das ricas florestas para a produção de vidro e potassa cáustica. Com o devastamento das florestas no final do século 19, as famílias viviam da agricultura, mas somente muito poucos conseguiam subsistir com apenas essa atividade. Na maioria das vezes, eles trabalhavam em suas pequenas plantações e, quando terminavam as tarefas domésticas, iam trabalhar para grandes fazendeiros nas planícies e/ou como lenhadores. Alguns trabalhavam como operários não qualificados na fábrica de vidro de Padurea Neagră ou nas minas de carvão e asfalto na região de Budoi. Toda a região das Montanhas Plopiš era bastante pobre, e quase todos os nossos antepassados eram isso mesmo: pequenos agricultores ou camponeses e lenhadores, sazonalmente. Havia muito poucos artesãos especializados e nenhuma intelectualidade. (As poucas pessoas em posições mais elevadas na região — oficiais, padres, professores e vidreiros qualificados — eram húngaros ou, às vezes, alemães; os comerciantes e donos de pousadas eram, em sua maioria, judeus).

No século XIX, suas casas eram comumente feitas de madeira, revestidas em barro, eram muito simples. No inverno, havia apenas um cômodo aquecido para todos os habitantes. Mais tarde, muitas casas foram feitas inteiramente de barro moldado entre tábuas de madeira durante a construção. As construções de tijolos ou pedras eram luxuosas e escassas.

Nossos antepassados eslovacos tinham famílias numerosas com crianças nascendo, regularmente, a cada um ano e meio ou dois. Naquela época, metade delas morria ainda na primeira infância, vítimas de tifo, cólera, sarampo, etc. Antes de 1930, a escolarização na região tinha poucas regras. A maioria das crianças não frequentava a escola devido aos trabalhos agrícolas, às grandes distâncias e à falta de professores.

Em geral, nossas famílias eram católicas romanas, o que as diferenciava de alguns outros grupos de eslovacos na Transilvânia (como na região de Nădlac). A vida religiosa se organizava em igrejas e paróquias, fundadas em diferentes épocas, sendo as mais importantes as seguintes: Aleșd, Budoi, Șinteu, Suplacu de Barcău e Făgetu.

2. Circunstâncias da emigração ao Brasil

Os primeiros 30 anos do século XX foi uma época de colonização eslovaca interna nas áreas de Bihor e Sălaj. Os eslovacos cresciam em número, muitos deixavam suas vilas originais em busca de terras disponíveis para o cultivo, próximas ou distantes. Foi nesse processo que alguns deles encontraram seu novo propósito de vida em um outro continente.

A onda emigratória ao Brasil aumentou nos anos de 1923 e 1924 e continuou pelos dois anos seguintes. Os números exatos e as listas com os nomes desses emigrantes são desconhecidos. No entanto, consegui reconstruir a lista até certo ponto, com base, [em primeiro lugar](#), nas listas de passageiros e, [em segundo lugar](#), nos dados de imigração brasileiros. Com base nisso, estimo que cerca de 350 famílias, ou quase duas mil pessoas, tenham aproveitado essa oportunidade¹.

De sua região de origem, os eslovacos emigrantes viajavam por trem até a Holanda, onde embarcavam para uma jornada de várias semanas em navios para as costas brasileiras. Cada um dos quatro navios da companhia *Koninklijke Hollandse Lloyd* (Orania, Gelria, Flandria, Zeelandia) deixava Amsterdam com destino à América do Sul a cada dois meses, logo, o trecho da viagem não durava menos de um mês. Os navios navegavam pela seguinte rota: Amsterdã, Southampton, Cherbourg, La Coruña, Vigo, Lisboa, Las Palmas, Recife, Salvador, Rio de Janeiro, Santos, Montevideu e Buenos Aires. Um passaporte familiar conservado foi emitido em 18 de dezembro de 1924. Ele confirma a passagem pela Tchecoslováquia, Áustria (estação de fronteira Marchegg) e Suíça (estação de fronteira Buchs) em fevereiro de 1925 e chegada em Santos, Brasil, em 10 de

¹ Vários números aparecem na literatura: Urban (1930, nova edição de 2005) afirma que havia “cerca de 200 eslovacos” de Șinteu. Peřina (1955) afirma que havia “mais de 200 famílias”, segundo uma fonte mais antiga. Ele também afirma o seguinte, com base em uma crônica da paróquia de Șinteu: “No vigésimo quarto ano, seu sucessor [o pároco] lamenta que o povo de Șinteu confie mais nos agentes judeus do que nele e que oitocentos deles estejam partindo para o desconhecido Brasil.” Todos esses números referem-se apenas à paróquia de Șinteu e, portanto, é certo que números significativamente maiores estão em jogo para toda a região da Cadeia de Montanhas Plopiș.

março de 1925. Outro passaporte, de outubro de 1924, inclui ainda Korolevo (atualmente parte da Ucrânia) como posto fronteiro entre a Romênia e a Tchecoslováquia, mencionando também a Bélgica como outro país de trânsito². Um terceiro passaporte indica que a viagem foi realizada na terceira classe - a mais barata -. Os passaportes familiares para o Brasil que se conservaram até hoje são extremamente valiosos, também porque costumam conter fotografias, sendo estas algumas das primeiras imagens conhecidas de eslovacos romenos. Algumas dessas fotografias são apresentadas neste artigo.

"Meu pai, com certeza, não pensou muito para se mudar para o Brasil. Depois de todas as tragédias que aconteceram na região onde morava, ele não tinha mais laços com o lugar onde nasceu. Durante a viagem de navio, a maldição provavelmente atingiu seu ápice. Surgiu uma epidemia. Os doentes estavam cobertos de feridas por todo o corpo (provavelmente varicela). Muitas pessoas, especialmente crianças, morreram. Entre elas estava meu irmão Jan. Para os sobreviventes, pior do que a morte de seus entes queridos era não poder enterrá-los. Eles eram simplesmente enrolados em um pedaço de pano e jogados no mar. Chegamos a São Paulo à noite. Era uma noite quente e clara, a lua brilhava no céu, e meus pais sabiam que uma vida nova e melhor começaria ali." (Narrativa da senhora Berta Koiš Kubalak, nascida em 1919, registrada no diário de bordo de Karel Skipala, 2002.)

Apenas uma pequena parte deles retornou para a Romênia, ou após a Segunda Guerra Mundial, para a Tchecoslováquia. A maioria fixou residência no Brasil. Seus descendentes vivem lá atualmente, mas quase ninguém fala eslovaco. Até onde sei, a literatura sobre essa emigração é praticamente inexistente. Essas informações estão guardadas entre membros das famílias que muitas vezes mantinham contato com a Europa por décadas.

2.1 Bratislava

Uma das fontes de que dispomos sobre esse tema são as memórias do emigrante Ján Čičmanec, publicadas em 2012 em eslovaco sob o título "Cresci na Bratislava brasileira" (originalmente: "Vyrastal som v brazílskej Bratislave"). O próprio autor não era da Romênia, mas costumava encontrar essas famílias no Brasil desde muito jovem:

"Os primeiros [eslovacos] a chegar [ao Brasil] foram os eslovacos romenos (eram cerca de dez famílias), a pedido de um grande cafeicultor do estado de São Paulo, já densamente colonizado, sendo o maior produtor de café do Brasil. Naquela época, muitos cafeicultores brasileiros, com a permissão do governo, mantinham agentes em vários países europeus que recrutavam pessoas para trabalhar. [...] O agente preparava todos os documentos necessários para a emigração de cada pessoa interessada e, se a pessoa em questão não tivesse dinheiro, ele também comprava as passagens de viagem, que as famílias pagavam aos fazendeiros no porto de Santos por um longo período após a chegada ao Brasil. [...] As maiores plantações ficavam na parte noroeste do estado de São Paulo. No estado do Paraná, naquela época, não havia plantações, havia apenas mata virgem. A colonização ali só começou alguns anos depois. [...] Após cerca de dez anos de trabalho

² Tudo isso sugere um trajeto bem diferente do que seria hoje a conexão ferroviária habitual da Romênia para a Holanda. O objetivo provavelmente seria evitar completamente a Hungria e a Alemanha e viajar principalmente pelo território da Entente ou por países neutros da Primeira Guerra Mundial, a fim de facilitar a passagem. No entanto, são necessários mais dados sobre passaportes para estudar essa questão em detalhes.

nas plantações, muitas famílias eslovacas, apesar dos baixos salários, economizaram, a duras penas, a quantia necessária para comprar terras. [...] Quando souberam, em 1928, da colonização do estado do Paraná, enviaram seu compatriota Jozef Hečko até lá para inspecionar a nova região. Hečko gostou da região, a notícia se espalhou rapidamente e cerca de 35 famílias eslovacas compraram terras ali, uma ao lado da outra. Era 1932, e o que compraram era uma floresta primitiva impenetrável.”

Assim, segundo Ján Čičmanec, foi fundada a colônia eslovaca de Bratislava, próxima às atuais cidades de Cambé e Londrina, no estado do Paraná. Aqui, na floresta tropical brasileira, as renomadas habilidades dos eslovacos romenos na exploração madeireira voltaram a ser postas em prática.

O autor relaciona os sobrenomes dos eslovacos que sua família encontrou na colônia Bratislava: Rapčan, Bicas (Bigas), Kubalak, Bachroň, Šulek, Šuba, Koritár, Frimel, Vacvalík (Václavík), Sedlaček, Šubik, Gubaň, Štiak, Zifčák, Kutliak, Valiček, Konevalik, Čičmanec, Choleva, Benedikti, Filipčík, Borák, Vršan, Kojiš (Koiš), Bejdak, Kurak, Hečko, Furiš, Fungač, Plátenik, Pňáček, Honiš, Mondek. A grande maioria deles são claramente de famílias vindas da Transilvânia, embora o próprio autor não faça distinção entre eles e os demais, sendo ele próprio um eslovaco do interior. Infelizmente, seus dados não são suficientes para uma identificação precisa das pessoas.

Essencialmente, o mesmo grupo de sobrenomes, como dado por Čičmanec, somente na escrita portuguesa, é confirmado de forma independente pelas listas de alunos dos anos 1944–1948 publicado na tese de Barion (2014b), que aborda a história da escola de Bratislava. Uma figura importante na vila durante décadas foi a professora Anna Zifchack (Zivčák) Mazzei.

Também, o artigo "History of Slovaks in the Brazilian Bratislava" (original "História Slovákov v brazílskej Bratislave") de Jozef Mistrík apresenta a seguinte lista de famílias eslovacas remanescentes em Bratislava em 1960: Štefan Furiš sênior + 4 filhos, viúva Koiš + 3 filhos, Ján Filipčík + 6 filhos, Jozef Peňák, Konevalík + 4 filhos, Štefan Hečko + 1 filho, Jozef Hečko sênior + 6 filhos, Jozef Honiš sênior, Jozef Honiš + 4 filhos, Ján Furiš + 10 filhos, Emil Koněvalík + 4 filhos, Ján Žifčák + 2 filhos, Alexander Hečko + 3 filhos, Anton Koněvalík + 1 filho, Rudolf Václavík + 2 filhos, viúva Choleva, Juraj Pňáček + 3 filhos, Jozef Kubalják + 5 filhos, Martin Koiš + 4 filhos, Andrej Bigas + 4 filhos, Pavel Gubaň + 5 filhos, Jozef Rapčan + 1 filho, Tomáš Mondek; na cidade de Cambé, Peter Bejdák sênior e Hana (Anna) Valiček.

A colônia de Bratislava não durou muito como unidade populacional. Afinal, as famílias eslovacas estavam indo embora desde meados do século; diz-se que as que as pessoas que restaram partiram quando as plantações de café sofreram com a geada na década de 1970, porém, ao mesmo tempo, os terrenos na área hoje urbanizada puderam ser vendidos a um maior valor³. [1] Em 1988, restavam as últimas quatro famílias eslovacas, e os descendentes dos eslovacos originais vivem hoje espalhados pelos estados do Paraná e de São Paulo.

³ Francisco de Oliveira Barion (2014a).

2.2 Santo Anastácio e outros locais

O segundo local onde se concentrava o maior número de emigrantes eslovacos vindos da Romênia era a cidade de Santo Anastácio, a cerca de 200 quilômetros de Bratislava, no sudoeste do estado de São Paulo. Ficamos sabendo disso pelo relato do padre e missionário Jozef Mistrík, que foi uma figura importante para a minoria eslovaca no Brasil na segunda metade do século (ele também costumava visitar a colônia de Bratislava por motivos pastorais). Seu relato, baseado principalmente nas memórias de testemunhas oculares, fornece a melhor descrição que conhecemos sobre as circunstâncias em que ocorreu a emigração para o Brasil.

"Conversei com várias famílias que deixaram a Romênia e ainda se lembram dos acontecimentos ocorridos há 40 anos. Algumas já estão no fim da vida. Outras ainda estão no auge da juventude. Em suas memórias, há tristeza misturada à dor pelo sofrimento que suportaram, despedidas dolorosas na antiga pátria e também na nova – lá, de parentes e conhecidos; aqui, de seus próprios filhos e pais, nos casos de doenças contagiosas que dizimaram os imigrantes. Eles também expressaram satisfação pelo fato de que o pior já havia passado e que agora estavam livres, e muitos estavam em boa situação financeira. [...] Os eslovacos romenos viram-se sob o domínio romeno após a Primeira Guerra Mundial. Homens e jovens que haviam retornado da guerra após muitos anos foram novamente convocados para o alistamento e serviço militar. Muitos já estavam cansados da guerra. Queriam fugir dela. A emigração parecia ser a única opção. [...]"

Correram rumores de que os romenos iriam cobrar impostos até mesmo sobre bigodes e outras coisas absurdas. Alguém preparou com muita habilidade o clima de pânico a favor da emigração. Nessa situação, foi muito fácil recrutar voluntários para deixar o país.

Mas a maior atração era a propaganda. Agentes judeus mostravam, em fotos, casas de tijolos bonitas e aconchegantes. Prometiam 10 alqueires (1 alqueire = 24.200 m²) para cada filho com mais de dez anos, um par de bois, vacas...⁴ [...]"

A partida foi marcada por um clima festivo. [...] No dia da partida, os emigrantes assistiram à missa e receberam a comunhão. Quando partiram, os sinos badalaram e as bandas tocaram. O próprio padre foi se despedir deles. [...] Já em 1923, alguns navios partiram. No ano seguinte, partiram quatro. Os que ficaram esperavam por notícias dos que partiram. Assim escreveu Konevalik, convidando os indecisos: "O Brasil é o paraíso, as janelas aqui são maiores do que as portas na terra natal." Quando mais tarde se encontraram no Brasil e tiveram de enfrentar grandes dificuldades, perguntaram-lhe por que os convidou e por que os enganou; ele respondeu-lhes: "Se eu estou no inferno, que vocês também estejam". Antes de chegarem ao Brasil, os agentes distribuíram produtos brasileiros para levantar o ânimo deprimido. Desembarcaram no porto de Santos. [...]"

As condições eram realmente terríveis. Todos foram contratados como trabalhadores rurais. Ou seja, tinham que trabalhar em fazendas no interior do país, principalmente no estado de São Paulo. A "fazenda francesa" ficou famosa entre o nosso povo (a viúva, dona da fazenda, era francesa, a

⁴ Outro tema de propaganda, mencionado no diário de Karel Skipala (2002), são as fotografias das árvores gigantescas nas florestas brasileiras, que atraíam os eslovacos romenos como lenhadores e simbolizavam a estabilidade do trabalho remunerado: "A Europa é terra de homens sem trabalho, o Brasil é uma terra sem homens".

qual se localizava 40 km da cidade de Lins). Os homens derrubavam árvores na mata. As mulheres e as crianças tinham que viver em cabanas onde cobras se penduravam nos paus. As mulheres desanimavam os homens. Estes já estavam insatisfeitos com o salário de 5 cruzeiros por dia. [...]

Além disso, o destino das crianças impactou muito na vida dos pais. Elas foram infestadas por vermes estranhos. Esses vermes entraram nos corpos delas pelos pés e, após algum tempo, tomaram conta de todo o corpo. Muitas crianças não resistiram. Uma quantidade imensa de vermes saía de seus corpos, já sem vida, pelo nariz, pela boca e pelas orelhas.

Não é de se admirar que nossa gente tenha sumido da fazenda aos poucos [...] Uma noite, já não havia mais ninguém. Eles fugiram. Levaram milho cozido para a viagem, para não passarem fome. A situação na fazenda tinha ficado tão ruim que todos foram embora. Nem mesmo a polícia conseguiu obrigá-los a voltar.

Eles foram convidados a trabalhar na fazenda de João Carvalho, que ficava bem perto de Lins. Mas o calvário deles ainda não havia terminado. As pessoas estavam morrendo de tifo por lá (1925). [...] Eles ficaram em Lins por dois anos. Com alguns trocados, alguns foram para São Paulo – em busca de fortuna. Mas não a encontraram. Surgiu uma crise. [...] Outros de Lins foram para Caiuva⁵. Vinte e cinco famílias de todos os grupos se concentraram ali. [...] Mas nem mesmo ali seria a última parada [...]" (Mistrík, 1964)

Famílias se assentaram em Santo Anastácio a partir de 1927.

“Quando a filha de Borák, Tonka, se casou, eles nos convidaram. Ela ia se casar com um jovem eslovaco que vinha do vizinho estado de São Paulo, da cidade de Santo Anastácio, onde viviam várias famílias eslovacas. E como ali não havia garotas eslovacas para casar, os jovens vinham a Bratislava para procurar por noivas.” (Čičmanec, 2012, p. 24.)

Em 1963, Mistrík contou por volta de apenas quinze famílias restantes nesse local, as quais, em sua maioria, os nomes são familiares para nós: Rapčan, Furiš, Hosek (Hošek? Hoško?), Jurek, Hečko, Koiš, Kováčik, Brnal (Brňák?), Bešel (Pešel?), Gocala, Kurál (Kurák?), Korch, Roľník, Kubinec, Lukačák (Lukašák); em algum lugar do texto, os sobrenomes Mucha, Štiák, Bachroň, Zmetek também são mencionados para o período antigo.

Ao todo, apenas uma minoria dos emigrantes eslovacos da Romênia passou pelas colônias relativamente bem documentadas de Bratislava e Santo Anastácio. As histórias dos demais parecem estar preservadas apenas na memória de famílias específicas. Parece que outro ponto de concentração deles foi na Vila Zelina, um bairro da cidade de São Paulo.

Em todo caso, a era da internet nos trouxe a oportunidade de rastrear essas linhas tênues que ligam essas famílias nos dois continentes, a uma *distância* que agora é de um século.

⁵ Caiuva refere-se, provavelmente, ao município de Caiuá, no extremo oeste do estado de São Paulo.

3. Genealogia dos Romenos Eslovacos

Para aqueles que desejam pesquisar suas raízes familiares na Romênia, disponibilizo meus serviços. Minha experiência na investigação dos antepassados eslovacos romenos é única e extensa. Embora meu conhecimento e os dados que disponho sobre sua história posterior no Brasil sejam limitados, no que diz respeito à parte romena, posso rastrear fragmentos da história familiar dos quais você nem esperava. O que preciso, como pontos de partida são os dados disponíveis sobre sua família, que remontem ao início do século XX. Entre em contato comigo por e-mail: radioc@seznam.cz



Foto 01 Martin Koiš *1881 + Katarina (Julia?) Troják *1898, passaporte, fornecida por Domingos Kois.



Foto 02 Pavel Balek *1882 + Katarina Pňáček *1889, passaporte 1924, fornecida por Heitor Balec.



Foto 03 Martin Kortiš *1887 + Anna *1896, passaporte 1924, fornecida por Marleni Cortyis Tavalin.



Foto 04 Ondrej Balek *1879 + Terezia Pňáček *1885, passaporte 1924, fornecida por Marleni Cortyis Tavalin e Janete Baleki Borri.



Foto 05 Martin Korch *1895 + Rozália Kutlák *1902, passaporte 1924, fornecida por Martin Korch.



Foto 06 Jan Korch *1884 + Mária *1882, passaporte 1924, fornecida por Martin Korch.



Foto 07 Passaporte para o Brasil, 1924, fornecida por Martin Korch.

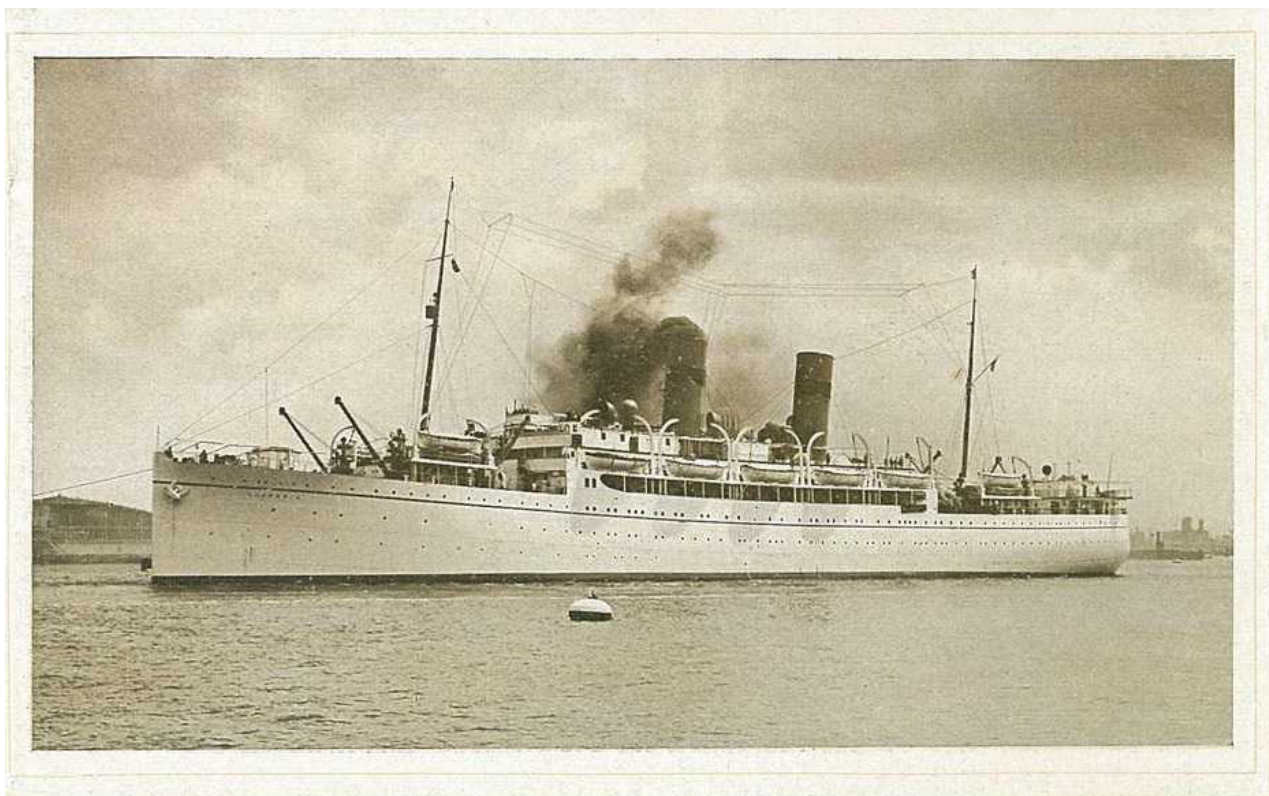


Foto 10 O vapor Orania, gentileza de Roberto Oltman.



Foto 11 Casa típica da região de cadeia de montanhas Plopiș, Huta Voivozi, foto de 1938 - Vojtech Valkovič.



Foto 12 Viúva Mária Rolník *1870, nascida Hečko, com o mais novo de seus filhos, antes de sua viagem ao Brasil, no final de 1926, foto cedida por Karel Kalianko.

Referências:

Francisco de Oliveira Barion, Isabel (2014a). História e memória da Escola Bratislava de Cambé (1936-1948): entre a educação e a fé. *X Anped Sul*, s. 1–17.

Francisco de Oliveira Barion, Isabel (2014b). *Educação em Cambé: historia e memória da Escola Bratislava (1934-1949)*. PhD Thesis, Universidade Estadual de Maringá.

Čičmanec, Ján (2012). *Vyrastal som v brazílskej Bratislave*. Matica Slovenská, Martin, Eslováquia

Mistrík, Jozef (por volta de 1960). História Slovákov v brazílskej Bratislave. Cópia de um artigo de origem desconhecida pertencente aos arquivos do autor.

Mistrík, Jozef (1964). Emigrácia rumunských Slovákov do Brazílie. *Literárny almanach Slováka v Amerike*, 4, s. 43–47. Hrobak Publications, Middletown, Pennsylvania, EUA.

Ocelák, Radek (2020). *Reemigranti. Minulost sedmihradských Slováků a jejich poválečný příchod z Rumunska do ČSR*. Radek Ocelák, Rýmařov, República Tcheca. 2a. edição.

Peřina, Evžen (1955). *Výprávění o rumunské zemi*. Mladá fronta, Praha, Tchechoslováquia.

Skipala, Karel (2002). *Cestovní deník expedice PARANÁ BRAZIL*. Um diário de viagem não publicado, do arquivo do autor.

Urban, R. (1930). *Čechoslováci v Rumunsku*. Bucharest, Romania. Reprinted as Urban, R. (2005): *Češi a Slováci v Rumunsku*. Vydavateľstvo Ivan Krasko, Nădlac, Romênia.